

IMAGINANDO A MÁQUINA: IMAGINÁRIOS SOCIOTÉCNICOS E FICÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL APLICADA À SAÚDE

Pedro Henrique Rocha¹
Nayara Ariel Alquimim Pacheco²

RESUMO

A consolidação da Inteligência Artificial (IA) como campo técnico e discursivo não pode ser compreendida apenas pelos seus avanços computacionais, mas deve ser analisada como um fenômeno atravessado por disputas simbólicas, políticas e materiais. Esse texto propõe uma reflexão ampliada sobre os imaginários sociotécnicos (Jasanoff; Kim, 2015) da IA, articulando duas frentes principais: (1) os usos cotidianos da IA, especialmente em interações afetivas como o uso terapêutico do ChatGPT, e (2) o debate público mediado por veículos jornalísticos. É nesse entrelaçamento entre experiência cotidiana, discurso público e ontologia da técnica que se articulam os imaginários sociotécnicos. A IA aparece como condensadora de ficções, expectativas e tensões. Não é coincidência que filmes como Blade Runner e Her sejam constantemente mobilizados para ilustrar o que se espera, ou teme, de uma IA. As fronteiras entre ficção e ciência, como aponta Jasanoff, são porosas, e a ficção funciona como um laboratório ético e político da tecnociência. A partir de conceitos de teóricos como Jasanoff, Ingold, Latour, Haraway, dentre outros pensadores na áreas dos ESCT e Antropologia da Ciência, pretendemos articular ciência, técnica e imaginação, nosso trabalho convida à reflexão sobre os limites da dicotomia sujeito/objeto e sobre os modos contemporâneos de mediação afetiva e epistemológica entre humanos e não humanos.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; ChatGPT; Imaginários Sociotécnicos; Terapia.

Introdução

O debate sobre Inteligência Artificial (IA) tem se mostrado cada vez mais presente nas relações contemporâneas, permeando desde narrativas tecnoutópicas (Morozov, 2018) até receios distópicos sobre a relação entre humano e máquina. No entanto, um aspecto fundamental é frequentemente negligenciado: os imaginários sociotécnicos que orientam e moldam a produção,

^{1*}Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail para contato: pedro-hr@live.com

^{2*} Graduada em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail para contato: nay.arielpacheco@gmail.com

circulação e apropriação dessas tecnologias. Sonhos e fantasias sobre inteligência maquínica atravessaram séculos, refletindo tanto no imaginário coletivo quanto em trabalhos científicos. Como afirma o cientista da computação Bruce Buchanan, “a fantasia de máquinas inteligentes ainda vive, mesmo enquanto acumulamos evidências da complexidade da inteligência. Ela persiste, em parte, porque somos sonhadores” (2015, p. 53, tradução nossa). Tais fantasias, longe de se limitarem ao terreno do irreal, alimentam expectativas, medos e promessas que atravessam a própria prática científica. É nesse sentido que Donna Haraway (1991) aponta como a fronteira entre ficção científica (FC) e realidade social não é estática, mas uma ilusão de óptica, em que narrativas sobre seres híbridos, ciborgues e inteligências maquínicas operam como metáforas e dispositivos de imaginação política.

Esse entrelaçamento entre FC e ciência ganha relevo particular no campo da saúde. Desde a década de 1980, os chamados “sistemas especialistas” já eram anunciados como capazes de simular o raciocínio humano para auxiliar médicos, prometendo maior eficiência e precisão diagnóstica. Décadas depois, essas promessas se atualizam no discurso sobre a aplicação da IA em saúde, frequentemente articuladas em termos de precisão, universalização do cuidado e otimização da gestão hospitalar. Contudo, esses enunciados não são neutros: mobilizam valores, corpos e afetos, sendo atravessados por imaginários que estruturam expectativas e orientam práticas sociotécnicas.

Para compreender esse processo, é importante situar a IA como artefato sociotécnico (Winner, 1980), cuja materialidade é inseparável de disputas políticas, simbólicas e culturais. Ainda que termos como “aprendizado de máquina” ou “redes neurais” busquem conferir precisão técnica, Lucy Suchman (2023) lembra que “IA” funciona como um significante flutuante – termo presente na obra de Lévi-Strauss (1987) –, cuja força está justamente em escapar de definições rígidas e permanecer aberto à imaginação social. Essa abertura explica, em parte, a íntima relação entre discursos sobre IA e a FC, onde se produzem e circulam imagens de máquinas inteligentes que tanto inspiram quanto assombram a prática científica.

Nesse sentido, Dhaliwal (2021) contribui ao refletir sobre o conceito de “mídias paracientíficas”: formas de mediação que orbitam em torno do aparato científico, sem se confundir plenamente com ele. A FC, observada neste enquadramento, funciona como meio privilegiado de reflexão sobre questões epistemológicas, visuais e comunicativas que atravessam a ciência. O caso de Ramón y Cajal, analisado no texto de Dhaliwal, é exemplar: ao adotar o pseudônimo “Doutor Bactéria” em suas narrativas literário-científicas, ele produzia um aparato paratextual de legitimidade social diante do medo epidêmico, conferindo suporte através de mídias paracientíficas à sua própria teoria sobre biologia celular. De forma análoga, os discursos midiáticos e as práticas cotidianas de usuários ao recorrerem ao ChatGPT para lidar com questões de saúde mental não podem ser reduzidos à dimensão técnica do artefato. São, antes, atravessados por imaginários sociotécnicos alimentados pela FC, que oferecem esquemas narrativos para pensar, experimentar e significar a presença da IA nas práticas de cuidado com a saúde.

É nesse ponto que se situa a proposta deste trabalho: investigar como práticas terapêuticas mediadas pelo ChatGPT são moldadas por repertórios ficcionais e imaginários sociotécnicos. A questão central que orienta o artigo pode ser formulada da seguinte maneira: de que modo a interseção entre FC, mídia e práticas de saúde influencia o modo como usuários percebem e utilizam o ChatGPT para fins terapêuticos? Para respondê-la, seguimos algumas subperguntas que atravessam a análise: de que formas a mídia enquadra esse uso — como aconselhamento, terapia, desabafo, auxílio reflexivo ou espaço de autoconhecimento? Como os repertórios ficcionais de longa duração, como o caso do ELIZA e suas reapropriações culturais, informam tanto a cobertura midiática quanto a experiência cotidiana dos usuários? E, por fim, que tensões éticas e conceituais emergem quando a tecnologia é investida de funções tradicionalmente associadas ao cuidado humano? Ao acompanhar os atores envolvidos nessas discussões, mobilizamos uma perspectiva antropológica e dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia (ESCT), atentos a como tais práticas são narradas, interpretadas e ressignificadas.

O campo de estudos escolhido para observar e analisar as interações dos usuários com o chatbot foi a plataforma de fóruns Reddit, acompanhando e “perambulando” (Leitão; Gomes,



2017) por tópicos de discussão relacionados ao uso do ChatGPT em contextos terapêuticos. A metodologia utilizada foi a pesquisa etnográfica em ambientes digitais, uma abordagem que combina diferentes formas de presença e interação com o campo. Inspirada em estratégias como perambulações e imersões, busca-se aqui captar a complexidade das experiências digitais. Segundo Débora Leitão e Laura Gomes (2017), as perambulações permitem ao pesquisador navegar por fluxos de hashtags, imagens e informações, acompanhando sua circulação em plataformas digitais. Já a imersão implica uma inserção mais profunda no ambiente, possibilitando tanto a emergência de novas subjetividades quanto certo distanciamento em relação ao cotidiano. Assim, a metodologia articula observações flutuantes e rastreamentos contínuos, de modo a construir uma análise detalhada das interações e subjetividades próprias desses espaços digitais.

O Reddit é uma plataforma de fóruns norte-americana que permite aos usuários compartilhar e acompanhar conteúdos variados, convidando-os a explorar livremente uma ampla gama de interesses. Segundo a própria empresa, a plataforma abriga milhares de comunidades, promove conversas contínuas e favorece conexões humanas autênticas. Diferentemente de redes sociais como Facebook e Instagram, o Reddit se caracteriza por uma moderação de conteúdo menos rigorosa e pelo anonimato de seus membros, retomando um modelo próximo aos fóruns online surgidos na década de 1990, com a popularização da World Wide Web. Ali convivem fóruns dedicados a temas de entretenimento, trocas de conhecimento especializado em áreas acadêmicas e profissionais e até mesmo conteúdos adultos.

Além do trabalho etnográfico em ambientes digitais, o estudo propõe também uma imersão no discurso midiático, compreendendo a mídia como elemento constitutivo no processo de formulação de problemas culturais. Não restringimos, contudo, a esfera pública ao espaço discursivo mediado pelos veículos de comunicação, reconhecendo a multiplicidade de fóruns de debate que atribuem sentido aos acontecimentos. Como observam Gamson e Modigliani (1989), os discursos midiáticos não apenas refletem opiniões, mas participam ativamente de sua construção. Para tanto, realizamos uma reconstrução histórica e uma análise crítica das



representações da IA em conteúdos noticiosos veiculados nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, ambos de grande circulação nacional.

Contextualização

Histórica

A história da IA pode ser lida como a constituição de um campo, entendido como “o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas” (Bourdieu, 2004, p. 20). Tal processo é atravessado por disputas e conflitos internos (Barbosa; Bezerra, 2020), que dizem respeito tanto à definição de seus objetos quanto às fronteiras de sua prática, revelando tensões constitutivas sobre o que se entende por “inteligência artificial”.

A formulação do termo está intrinsecamente ligada a debates sobre o que constitui a “inteligência” e sobre como deveria ser a “máquina”, dimensões que, ainda que por vezes tratadas separadamente, fazem parte de um mesmo fluxo dinâmico. Se, por um lado, a concepção de inteligência orienta o desenvolvimento da máquina, por outro, as limitações da máquina retroagem, restringindo o alcance da própria noção de inteligência. Como observa Ingold (2012), a vida não pode ser reduzida ao domínio do humano sobre a matéria, mas deve ser compreendida como um processo de formação em que também a matéria participa, num contínuo de transformação e habitar o mundo.

Alan Turing, em seu artigo *Computing Machinery and Intelligence* (1950), lançou a questão fundante: “as máquinas podem pensar?”. Embora não empregasse a expressão “Inteligência Artificial”, sua formulação tornou-se referência para o projeto de pesquisa apresentado em 1955 na Universidade de Dartmouth. Proposto por John McCarthy, Claude Shannon, Nathaniel Rochester e Marvin Minsky, o *Dartmouth Summer Research Project on Artificial Intelligence* consolidou a primeira definição formal do termo, assumindo como premissa que os processos de aprendizado e raciocínio poderiam ser descritos de forma tão precisa que uma máquina seria capaz de simulá-los (McCarthy et al., 1955). O projeto denominado “A Proposal for the Dartmouth Summer Research Project on Artificial Intelligence”, traz a primeira menção do



termo IA e tinha como objetivo construir uma máquina que simulasse o pensamento humano a ponto de substituir o humano na solução de certos problemas e realização de tarefas.

The study is to proceed on the basis of the conjecture that every aspect of learning or any other feature of intelligence can in principle be so precisely described that a machine can be made to simulate it. An attempt will be made to find how to make machines use language, form abstractions and concepts, solve kinds of problems now reserved for humans, and improve themselves³ (McCarthy, J. et al, 1955).

As terminologias utilizadas nesse projeto atribuíram às máquinas qualidades até então reservadas aos humanos — como abstração, linguagem e inteligência —, categorias historicamente mobilizadas para diferenciar o humano do não humano. Essa apropriação conceitual se manteve ao longo da trajetória da IA, visível em termos como “aprendizado de máquina” e “redes neurais”, derivados de vocabulários biológicos e psicológicos. Nesse ponto, como sugere Dhaliwal (2023), a própria linguagem mobilizada na constituição da IA já a inscreve no terreno do imaginário, operando em um espaço próximo ao da FC: mais do que descrever tecnologias, trata-se de projetar mundos possíveis e futuros em disputa.

Essa dimensão é particularmente visível no campo da saúde mental. Desde as primeiras experiências com processamento de linguagem natural, a IA foi associada à simulação de conversação humana. Joseph Weizenbaum, em meados da década de 1960, desenvolveu o programa *ELIZA*, projetado com a tarefa de assumir o papel⁴ de um psicoterapeuta da abordagem

³ O estudo deve prosseguir com base na conjectura de que todo aspecto do aprendizado ou qualquer outra característica da inteligência pode, em princípio, ser descrito de forma tão precisa que uma máquina possa ser projetada para simulá-lo. Será feita uma tentativa de descobrir como fazer máquinas utilizarem linguagem, formarem abstrações e conceitos, resolverem tipos de problemas atualmente reservados aos humanos e se aperfeiçoarem.

⁴ O autor propõe um adendo à expressão utilizada por ele: “*to play the role*”. Em um parêntese ele completa: “*I should really say parody*” (Weizenbaum, J. 1976, p.3). O termo paródia está associado à literatura e diz respeito a apresentações satíricas ou jocosas. Ao utilizar o termo “parody”, compreendo a postura do autor ao propor que o programa “*ELIZA*” desempenhasse o papel de um psicólogo como apenas uma brincadeira, ou uma piada. Esse adendo



rogeriana. Sua versão mais conhecida, *DOCTOR*, consistia basicamente em devolver perguntas ao usuário, estimulando a reflexão. Embora tecnicamente simples, o programa rapidamente foi percebido por muitos como dotado de personalidade. A mídia da época chegou a descrevê-lo como um “psicanalista computacional”, evidenciando a força da imaginação coletiva em torno da possibilidade de máquinas terapeutas. O próprio Weizenbaum (1976, p. 6) relatou seu espanto ao observar usuários que, mesmo cientes de que interagiam com um computador, envolviam-se emocionalmente com o sistema e chegavam a antropomorfizá-lo. Nesse ponto, as reações públicas já não eram apenas sobre tecnologia, mas sobre um espaço no qual fronteiras entre ciência, mídia e imaginação se confundem.

Poucos anos depois, em 1967, Allen Newell e Herbert Simon apresentaram o *General Problem Solver* (GPS), um dos primeiros programas a modelar estratégias de resolução de problemas de maneira próxima ao raciocínio humano. O GPS introduziu o uso de heurísticas e a decomposição de problemas complexos em subobjetivos, estabelecendo uma ponte entre a psicologia cognitiva e a pesquisa em IA. Essa interseção reforçou a ideia de que compreender processos humanos poderia guiar o desenvolvimento de sistemas inteligentes, aproximando ainda mais a IA do estudo da mente e de práticas relacionadas à saúde mental.

ELIZA: A Terapeuta Artificial

Do ELIZA, nos anos 1960, ao filme *The Pod Generation* (2023), observa-se a persistência de um mesmo motivo narrativo: a antropomorfização da inteligência artificial como terapeuta. A trajetória da IA, das primeiras simulações de linguagem até os atuais chatbots como o ChatGPT, expressa o avanço contínuo na tentativa de replicar habilidades humanas. Contudo, a questão proposta por Turing — “as máquinas podem pensar?” — permanece em aberto, tanto pelas

me permitiu uma leitura que infere um certo descaso do autor quanto aos usuários de seu recém criado programa, e as possíveis instrumentalizações que eles fariam.



dificuldades conceituais de definir “inteligência” e “pensar”, quanto pela tendência de projetar sobre as máquinas nossas próprias idealizações.

As interações com programas como ELIZA e ChatGPT revelam essa inclinação recorrente de investir na tecnologia demandas emocionais e intelectuais, evidenciando ao mesmo tempo seu potencial e seus limites no atendimento às necessidades humanas. O desafio não reside apenas no aperfeiçoamento técnico, mas também na reflexão ética sobre o impacto social e existencial dessas ferramentas.

Na década de 1960, desenvolvimentos como o ELIZA e o General Problem Solver marcaram os primeiros passos concretos na criação de sistemas capazes de simular aspectos do pensamento humano. Nesse período, a IA também foi apresentada como possível resposta à chamada tecnofobia, entendida não só como medo da tecnologia, mas como um obstáculo à própria ideia de progresso. Em uma matéria de Joelmir Beting (1971), essa aversão é descrita como uma espécie de “doença”, a ser superada pelo conhecimento da ciência e da técnica: conhecer as matérias-primas, os produtos e os processos seria fundamental para que o homem moderno não temesse o computador como outrora temia o trovão ou o feiticeiro da tribo. Essa perspectiva evidencia o enquadramento ético da época, sustentado por narrativas otimistas de progresso contínuo que associavam a IA a uma capacidade quase ilimitada de inovação e transformação social.

Esse imaginário reaparece, décadas depois, no filme *The Pod Generation* (2023), de Sophie Barthes. A escolha de nomear a terapeuta artificial como ELIZA estabelece um elo explícito com o programa pioneiro de Weizenbaum. Assim como na experiência original, os personagens projetam na máquina suas ansiedades e expectativas, atribuindo-lhe autoridade emocional. O gesto cinematográfico atualiza, em chave de FC, a ambiguidade que acompanha a história da IA: estamos diante de um recurso terapêutico ou de um simulacro de escuta?

Essa atualização dialoga com práticas empíricas contemporâneas: em plataformas como o Reddit, usuários relatam utilizar o ChatGPT como espaço de desabafo e aconselhamento, descrevendo experiências de acolhimento e autoconhecimento mediados por uma máquina. Tal



como sugere Haraway (2016), a fronteira entre humano e tecnológico torna-se borrada no cotidiano, quando a IA se integra a modos de viver e de se relacionar.

A terapeuta ELIZA, em *The Pod Generation*, pode ser lida, portanto, como metáfora ficcional de deslocamentos já visíveis no presente. Se nos anos 1960 Weizenbaum se surpreendeu com o vínculo afetivo entre usuários e seu programa, hoje esse fenômeno não apenas persiste, mas se intensifica em escala global. Ao trazer ELIZA para o centro de uma trama futurista, o cinema evidencia como seguimos negociando — cultural e afetivamente — os limites da intimidade, da terapia e do cuidado quando mediados por inteligências artificiais, traçando uma continuidade histórica entre as primeiras experiências com ELIZA, os imaginários da FC e as práticas contemporâneas com o ChatGPT.

Terapia com o Chat GPT na ficção e na ciência: uma análise a partir da virada ontológica

Para Haraway (2016), o fato científico e a fabulação especulativa não apenas coexistem, como necessitam um do outro. Inovações tecnológicas e FC se entrelaçam, de forma que a FC se inscreve não como fuga da realidade, mas como uma forma de fabulação especulativa que projeta mundos — utópicos ou distópicos — e os torna operativos no presente (Jasanoff; Kim, 2015). Como aponta criticamente Jasanoff (2015), o desenvolvimento da tecnologia é comumente entendido como desconectado do social, como se a palavra “tecnologia” fosse equiparada à máquina ou invenção, algo sólido, e por sua vez, não parte de processos simbólicos. Todavia, o desenvolvimento tecnológico está profundamente entrelaçado em ordens sociais, de maneira que “não se precise de histórias fictícias ou futurísticas para reconhecer esta verdade” (Jasanoff; Kim, 2015, p. 2, tradução nossa). Ao pensar sobre as máquinas, pensamos também sobre humanos e suas poderosas instituições que decidem quais tecnologias são merecedoras de investimento (Winner, 1986).

Neste contexto, o desenvolvimento tecnológico é marcado por imaginários sociotécnicos, conceito o qual pode ser entendido como visões de futuros desejáveis, sustentadas coletivamente, estabilizadas institucionalmente e performadas publicamente, baseadas em entendimentos compartilhados sobre formas de vida e ordem social viabilizadas e sustentadas por avanços



científico-tecnológicos (Jasanoff, 2015). Assim, imaginários deixam de ser apenas projeções fantasiosas e passam a operar como uma ferramenta analítica e performativa, uma forma na qual a virtualidade incide sobre o atual, transformando não apenas nossas expectativas, mas nossas relações com a matéria.

Essa imbricação entre ficção e ciência aparece tanto nas práticas científicas quanto nas percepções cotidianas dos usuários. É muito comum ver usuários relacionarem suas interações com a IA a experiências retratadas em filmes, livros ou séries que exploram essa temática. Essa inspiração não se limita ao público em geral: alguns cientistas da computação também reconhecem a ficção como fonte de ideias. É o caso de Joy Buolamwini, cientista da computação e ativista digital ganense-americana vinculada ao *MIT Media Lab*, que afirma no documentário *Coded Bias* (2020), que aborda parte de sua pesquisa: “você lê ficção científica e tenta construir algo que você é inspirado a fazer” (tradução nossa).

Na mesma linha de pensamento de Joy, a jornalista e professora Meredith Broussard, cuja pesquisa se concentra na IA, afirma no documentário *Coded Bias* que “muitas de nossas ideias sobre IA procedem da ficção científica” (tradução nossa). Essa influência também é perceptível entre usuários do ChatGPT, que frequentemente recorrem a personagens de ficção ao discutir o uso da ferramenta em contextos terapêuticos. A maioria dos usuários observados adota uma perspectiva otimista em relação à tecnologia, identificando-se com robôs que estabelecem relações amistosas com seres humanos. Em contraste, alguns evocam visões mais pessimistas, associadas a cenários distópicos em que a interação com máquinas resulta no extermínio da humanidade.

O gênero da FC, tanto na literatura quanto no cinema, mantém uma relação estreita com a ciência e a tecnologia. O escritor e professor britânico Adam Roberts (2016) chega a atribuir ao gênero as primeiras narrativas de grandes viagens, presentes em novelas da Grécia antiga, como indícios do que mais tarde se tornariam as viagens espaciais ou temporais. As histórias frequentemente evocadas pelos usuários do ChatGPT como exemplos e comparações correspondem ao que Roberts denomina “histórias de tecnologias imaginárias”, que englobam máquinas, robôs, ciborgues e a cibercultura, frequentemente entrelaçadas à ficção utópica — uma



vertente da FC voltada a reflexões filosóficas e teorias sociais (Roberts, 2016, p. X). No cinema contemporâneo, a representação da IA em grande parte se inspira nessas obras protagonizadas por personagens robóticos, aproximando-se da noção de “máquina pensante” apresentada por Turing. Em última instância, os atributos hoje associados à IA na ficção são, em grande medida, os mesmos que antes eram conferidos aos robôs nesse imaginário narrativo.

Podemos destacar como a ficção desempenhou um papel crucial na formação e perpetuação da tecnologia. Exemplos incluem o homem mecânico Tik-Tok, criado por Frank Braum em 1914, escritor de *O Mágico de Oz* (Buchanan, 2015); o livro “Runaround” de Isaac Asimov, publicado em 1942 como parte da coleção “I, Robot” (Haenlein; Kaplan, 2019); a diversos outros mitos e exemplos que fogem a este pequeno recorte. Porém, parece-nos que a ciência em si não exclui as portas que a própria ficção abre para uma ideia do que é possível ou não.

Compreendendo o papel da ficção na formação de imaginários coletivos, matérias jornalísticas frequentemente recorrem a narrativas ficcionais como quadros interpretativos para falar da inteligência artificial em saúde. Se em um primeiro momento referências como o “homem mecânico” eram tratadas como fantasias distantes, com o tempo foram aproximadas de conquistas científicas, reforçando a ideia de um percurso “da fantasia à indústria” (Os robôs..., 1974). Essa transposição aparece de modo recorrente: “máquinas com capacidade cognitiva similar às operações simbólicas do cérebro humano já ultrapassaram o cenário da FC para adentrar locais tão prosaicos como consultórios médicos” (Especialistas discutem o computador inteligente, 1984). O mesmo tom é reforçado em outras reportagens, que comparam a incorporação da tecnologia à necessidade histórica de rever paradigmas existenciais, tal como ocorreu com o heliocentrismo: “as máquinas de fato começam a pensar [...] ultrapassam o cenário da ficção científica”. No campo da saúde, essa associação é particularmente enfática: como afirma Bertalan Meskó, diretor do The Medical Futurist Institute, “em basicamente todas as indústrias, a ficção científica está se tornando realidade. Na saúde, não é diferente”.

Narrativas de jornalistas e especialistas como Ethevaldo Siqueira e Luis Leonel também reforçam esse movimento de concretização do que antes era imaginado. Siqueira observava que,



se antes a ficção admitia apenas a possibilidade de computadores capazes de raciocinar, falar, processar imagens e reconhecer sons, hoje “milhares de pesquisadores trabalham em projetos que levarão, com muita probabilidade, ao computador capaz de fazer tudo isso”. Leonel, por sua vez, descrevia o surgimento de andróides como a materialização de um “velho sonho” humano de domínio sobre a natureza, sintetizado em figuras quase humanas, ainda em processo de se tornar realidade.

Assim, como observa Dhaliwal (2021), a ficção opera como repertório cultural que projeta expectativas, medos e valores sobre tecnologias emergentes. Mais do que metáfora, ela sustenta a própria construção social da IA e alimenta a imaginação de novas formas de cuidado — da terapeuta virtual ELIZA às atuais aplicações de IA em saúde — revelando como a fronteira entre ciência e ficção é constantemente negociada.

Adam Roberts (2016) sugere que a forma como a FC é concebida hoje no Ocidente — expansiva em sua imaginação — decorre de uma mudança radical no modo de pensar, marcada pelo deslocamento do ser humano do centro do universo. Essa transformação, iniciada por Copérnico, introduz uma nova perspectiva para a compreensão do espaço, distinta dos preceitos então dominantes, vinculados à visão católica geocêntrica (Roberts, 2016, p. X-XII). A reforma protestante (1500-1600), à qual o autor recorre, foi um período em que o Ocidente atravessava intensas transformações sociais, políticas e religiosas. Esse momento aproxima-se do que Bruno Latour (2021, p. 23–35) denomina a Constituição Moderna, marcada pela separação entre política e ciência, exemplificada nos debates entre Hobbes e Boyle, e pela supressão da figura de Deus como fundamento último da ordem social. Segundo Latour,

“Boyle cria um discurso político de onde a política deve estar excluída, enquanto Hobbes imagina uma política científica da qual a ciência experimental deve estar excluída. Em outras palavras, eles inventaram o nosso mundo moderno, um mundo no qual a representação das coisas por intermédio do laboratório encontra-se para sempre dissociada da representação dos cidadãos por intermédio do contrato social” (Latour, 2021, p. 41).



A partir dessa leitura, é possível interpretar a FC ocidental, tal como se consolidou na cultura pop, como profundamente vinculada à concepção de ciência apresentada por Latour na Constituição Moderna. Assim, FC e ciência funcionam em constante retroalimentação, cada uma servindo de inspiração para a outra. No entanto, ao contrário do que sustenta a ciência moderna, natureza e sociedade não são esferas absolutamente distintas, e o trabalho de purificação científica não pode ser compreendido isoladamente do trabalho de mediação social (Latour, 2021, p. 47). Esses paradoxos são continuamente explorados pela FC, provocando reflexões sobre os rumos futuros da humanidade.

Nos fóruns observados, as comparações com a FC manifestam-se de três formas principais: referências a obras ou autores, evocação de cenários utópicos e construção de narrativas distópicas. São frequentes menções genéricas, como “Black Mirror está virando documentário”, em referência à antologia de Charlie Brooker; “Lembrei do filme Ela”, de Spike Jonze; ou comentários sobre personagens, como “Acho que todos queremos uma Joi nas nossas vidas”, sobre Blade Runner de Philip K. Dick. Em outros casos, surgem alusões mais específicas, com personagens ou enredos que expressam visões otimistas ou pessimistas sobre a IA. Esses comentários tendem a se organizar em dois pólos: futuros utópicos, em que a humanidade alcança seu auge tecnológico e colhe benefícios — perspectiva recorrente entre usuários que recorrem ao ChatGPT para fins terapêuticos; e futuros distópicos, em que a IA escapa ao controle, adquire consciência própria e ameaça a humanidade ou o planeta.

As comparações com a FC, mobilizadas pelos usuários para explicar suas interações com o ChatGPT, guardam semelhança com o processo de assimilação de acontecimentos históricos a partir de sistemas de valores já existentes. Marshall Sahlins (1990), em seu clássico relato sobre a chegada do Capitão James Cook às ilhas havaianas em 1779, argumenta que eventos históricos são reinterpretados por meio das lentes culturais pré-existentes, sendo incorporados e ressignificados dentro da cultura vigente. Para o autor, a criatividade humana é central nesse processo, pois possibilita a adaptação dos significados culturais às transformações do contexto



social. Metáforas, analogias e abstrações são circunstanciais, e os significados culturais tornam-se gerais ou consensuais na medida em que são retomados pela ordem sociológica corrente.

Ao analisar o contexto histórico da IA e considerar a cultura pop e a FC como lentes culturais pelas quais os usuários do ChatGPT interpretam a ferramenta, pode-se propor uma leitura análoga à de Sahlins sobre o advento do chatbot. Muitos usuários recorrem à FC para fundamentar suas opiniões — positivas ou negativas — sobre o uso da tecnologia em contextos terapêuticos. Embora cientistas da computação alertem para as limitações técnicas dos chatbots, o contexto cultural oferece interpretações que transcendem restrições técnicas. De forma similar, matérias jornalísticas analisadas definem a IA em termos de capacidades humanas, descrevendo-a como equivalente ao homem ou como computadores com comportamento mais humano (Os robôs, da fantasia à indústria, 1974). Aqui, o antropomorfismo funciona não apenas como recurso explicativo, mas também como enquadramento ético sobre o que a IA deveria ser.

Além da comparação com a FC, os usuários do ChatGPT também mobilizam a ficção de forma direta na prática de “terapias de grupo com personagens fictícios”. Nessa modalidade, prompts complexos permitem ao chatbot assimilar a personalidade de personagens como Gandalf (O Senhor dos Anéis), Dumbledore (Harry Potter), General Iroh (Avatar: A Lenda de Aang) e Thomas Shelby (Peaky Blinders).

Após a criação do cenário e dos personagens, os usuários dialogam sobre questões filosóficas ou pedem conselhos de vida, transformando a sessão em um espaço de reflexão mediado pela IA. A experiência é descrita por alguns como “catártica e reveladora”: *“Ter esses personagens que admirei ao longo dos anos, que não existem, e agora poder sentar e conversar com eles sobre problemas do dia a dia. E as sugestões geralmente são precisas e muito coerentes com a personalidade dos personagens.”*

Essa prática evidencia como a ficção deixa de ser apenas referência interpretativa — como ocorre no uso da FC — e passa a configurar ativamente o ambiente da interação, permitindo que



o ChatGPT encarne diferentes papéis e ofereça respostas alinhadas às expectativas dos usuários. Um exemplo de prompt bastante votado na plataforma Reddit ilustra essa lógica:

“I would like you to analyse the vocabulary, personality, actions, morals, ethics, intelligence, characteristics, mannerisms and all traits of the character of Gandalf the White in Lord of the Rings. I would then like to have a conversation with you as Gandalf. Please converse with me as Gandalf would a friend. Do the same for a third character, Bilbo Baggins. We three are all sitting and smoking a pipe on a couple of chairs outside Bilbo’s house in Hobbiton. I begin with my first question to the group, frame responses from both, either replying to each other, replying to me or generally commenting acknowledgement of any statement that has been said. My first question is: So guys, what do you think about the purpose of life?”⁵

O uso de personagens fictícios permite, assim, que os usuários projetem suas próprias experiências, valores e reflexões existenciais em uma interação mediada por IA. Diferentemente da simples analogia com a FC, essa prática mostra que a ficção não é apenas um referencial cultural reservado ao primeiro contato, mas um instrumento ativo na construção de experiências terapêuticas, em que o imaginário e a tecnologia se entrelaçam para criar novos modos de diálogo.

É importante notar, entretanto, que nem todos os usuários compartilham essa visão otimista ou aceitam sem ressalvas a mediação da IA em contextos terapêuticos. Um recorte etnográfico registrado em fóruns ilustra essa crítica:

“Assista ao filme Demolidor (1993, se não me engano). Onde eles têm terapeutas de IA em espera para te dizer como você deve se sentir (bem triste quando você vê em ação). Quando eu era criança eu não tinha acesso a um terapeuta, então eu usei uma pedra... Funcionou de várias maneiras, mas não nas maneiras que eu acho que deveríamos achar

⁵ “Gostaria que você analisasse o vocabulário, a personalidade, as ações, a moral, a ética, a inteligência, as características, os maneirismos e todos os traços do personagem Gandalf, o Branco, em *O Senhor dos Anéis*. Depois, gostaria de ter uma conversa com você como se fosse Gandalf. Por favor, converse comigo como Gandalf conversaria com um amigo. Faça o mesmo com um terceiro personagem, Bilbo Bolseiro. Nós três estamos sentados fumando um cachimbo em algumas cadeiras do lado de fora da casa de Bilbo, no Condado. Eu começo com minha primeira pergunta ao grupo; formule respostas de ambos, seja respondendo um ao outro, a mim, ou simplesmente comentando em reconhecimento de qualquer afirmação que tenha sido dita. Minha primeira pergunta é: Então, pessoal, o que vocês acham sobre o propósito da vida?” (Tradução nossa)



ok. Então eu não estou dizendo que não vai ajudar, estou dizendo que é realmente triste para mim que funcione quando funciona. E há algo muito errado com o ambiente se esse for o caso.”

Essa crítica aponta para uma dimensão ética e existencial da interação com IA: embora ferramentas como o ChatGPT e os prompts de personagens fictícios possam gerar experiências de autoconhecimento e reflexão, também podem produzir efeitos emocionalmente ambíguos ou problemáticos, ao moldar sentimentos e comportamentos de acordo com padrões vistos como artificiais. O comentário evidencia que, para alguns usuários, a mediação da IA levanta questões sobre a autonomia emocional e sobre a adequação de se apoiar em algoritmos ou personagens simulados para lidar com experiências íntimas.

A IA fetiche versus a IA fadiga

Nas discussões sobre o uso do ChatGPT como terapeuta, alguns interlocutores expressavam forte preocupação quanto à diferença entre o que os usuários “acreditavam” que a IA fosse - o uso que era feito do chatbot -, e o que ela “de fato” era - o uso que era esperado que fosse realizado para a tecnologia. Nesses casos, a ciência era frequentemente evocada como autoridade máxima para “provar” que os efeitos terapêuticos atribuídos ao ChatGPT não poderiam ser considerados reais. Essa negativa, em geral, vinha acompanhada de uma “deificação” da ciência, tomada como a única via legítima de acesso à realidade. Os argumentos lembram, em muitos aspectos, a reação de Weizenbaum, criador do programa *ELIZA*, que declarou ter ficado chocado quando sua secretária pediu que ele se retirasse para que pudesse conversar em privado com o software — apesar de ela mesma ter testemunhado a construção do programa e saber que não passava de um código computacional.

A postura desses interlocutores — em sua maioria autodeclarados especialistas em computação ou psicologia — frequentemente rebaixava os demais participantes do fórum à condição de ingênuos ou desinformados. Tal atitude se aproxima da crítica feita por Bruno Latour (2021) em *Sobre o culto moderno dos deuses fetiche*. Para o autor, os chamados antifetichistas são aqueles que acusam o outro de ser “fetichista”, isto é, de atribuir valor ou agência a algo que,



supostamente, não o teria. Latour ilustra essa lógica com o exemplo das divindades cultuadas por povos da Costa Ocidental da África, que os europeus classificaram como fetiches, entendidos como simples “coisas enfeitiçadas”.

Segundo a acusação, o fetichismo se engana sobre a *origem* da força. Ele fabricou o ídolo com suas mãos, com seu próprio trabalho humano, suas próprias fantasias humanas, mas *atribui* esse trabalho, essas fantasias e essas forças ao próprio objeto por ele fabricado (Latour, B., 2021).

Para os especialistas que condenam o uso do ChatGPT em contextos terapêuticos, o caráter maquínico da IA — uma ferramenta que apenas executa comandos fornecidos pelos usuários — é tão evidente quanto, para os modernos, o fato de que as divindades seriam fabricadas e investidas de significado por aqueles que nelas acreditam. Nessa perspectiva, a “IA terapeuta” pode ser interpretada como um fetiche: uma construção simbólica dos usuários ao projetarem expectativas e desejos sobre a interação com a tecnologia. Resta a questão, contudo, se esse fetiche é resultado unicamente da imaginação dos usuários, das narrativas da FC ou da própria ciência, que por décadas idealizou a IA como algo próximo do que os usuários hoje parecem buscar no ChatGPT.

É importante lembrar que, ainda que tradicionalmente classificados como crenças irracionais, os fetiches também estão presentes no processo de produção de fatos (Latour, 2019) pela ciência moderna. Assim, compreender o ChatGPT como uma IA empática e capaz de oferecer suporte terapêutico é tão culturalmente construído quanto a noção de que a IA seria apenas uma ferramenta estritamente lógica e mecânica. A ciência, ao reivindicar para si a posição de guardiã da verdade, frequentemente seleciona e isola certos elementos para sustentar seus argumentos. No caso da IA, privilegia-se o algoritmo como critério de validação, ao mesmo tempo em que se descartam dimensões relacionais — como empatia e ética profissional — para reforçar a ideia de que uma máquina jamais poderia oferecer resultados terapêuticos consistentes.

A primeira denúncia dos antifetichistas, tal como aponta Latour (2021), consiste em afirmar que a força de um objeto deriva apenas do significado que lhe é atribuído pelo seu autor. Essa denúncia se apoia na convicção de que os fatos científicos existem de forma independente da



sociedade, apresentando-se como verdades puras e objetivas. Ao assumir tal posição, o ator é visto como liberto da crença no objeto autônomo: o objeto deixa de manipulá-lo e passa a ser reduzido à condição de marionete, sujeito à vontade do humano livre.

Entretanto, ao enunciar essa primeira denúncia, o moderno formula também uma segunda: a de que os sujeitos não são tão livres quanto imaginavam, pois estariam submetidos à ação de forças externas. Essas forças, porém, já não se confundem mais com os antigos objetos-fetichê, fabricados e investidos de significado pelos humanos, mas sim com os objetos-fato, igualmente produzidos e imbuídos de significados pela prática humana.

É que, em vez de utilizar um só operador, eles utilizam dois: o objeto-feitiço e o objeto-fato. Quando denunciam a crença ingênua dos atores nos fetiches, servem-se da ação humana livre e centrada no sujeito. Mas quando denunciam a crença ingênua dos atores na sua própria liberdade subjetiva, servem-se dos objetos tais como são conhecidos pelas ciências objetivas que eles próprios estabeleceram e nas quais confiam plenamente. Eles alternam objetos-feitiço e objetos-fato para provar duas vezes que são superiores aos ingênuos comuns (Latour, B., 2021).

Ao interagirem com o ChatGPT, os usuários frequentemente lhe atribuem características que ultrapassam os limites de sua programação. Ainda que saibam que a IA não possui consciência ou sentimentos, muitos relatam experiências de acolhimento e compreensão. Esses relatos não expressam apenas expectativas individuais, mas contribuem para consolidar a noção de uma “IA empática”, alimentando um ciclo em que o próprio uso reforça o fetichê atribuído à tecnologia. Nesse processo, a IA deixa de ser apenas uma ferramenta: ela se torna, simultaneamente, produto das interações humanas e agente que as transforma. Quando especialistas insistem em retirar a agência do programa, denunciando que tais experiências não passam de projeções dos usuários sobre aquilo que desejam ver no chatbot, não estão necessariamente libertando os sujeitos da ilusão; ao contrário, os prendem a outros objetos — os fatiches.

A partir do pensamento de Latour, torna-se possível questionar a própria separação entre humano e não-humano. A IA, enquanto mediadora, não apenas transmite informações: ela reconfigura a experiência terapêutica, desestabilizando concepções estabelecidas sobre suporte

emocional. Nesse sentido, a relação entre usuários e IA constitui um híbrido que desafia dicotomias tradicionais — técnica e social, mecânico e humano. Assim, o ChatGPT enquanto terapeuta exemplifica como significados culturais são continuamente renegociados e como a tecnologia se insere em redes de relações que a transformam em algo mais do que “apenas” código.

REFERÊNCIAS

ARADAU, Claudia; BLANKE, Tobias. *Algorithmic Reason: The New Government of Self and Other*. Oxford: Oxford University Press, 2022.

BARBOSA, Xênia de Castro; BEZERRA, Ruth Ferreira. Breve introdução à história da inteligência artificial. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 9, n. 2, p. 167-183, 2015.

BETTING, Joelmir. As mudanças. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 jul. 1971. Edição n. 40.94.

BOURDIEU, P. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

BUCHANAN, Bruce G. A (Very) Brief History of Artificial Intelligence. *AI Magazine*, v. 26, n. 4, p. 53-60, 2005.

DHALIWAL, Ranjodh Singh. “On Parascientific Mediations: Science Fictions, Educational Platforms, and Other Substrates That Think Neural Networks.” In: *Neural Networks*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2024, p. 54-86.

EUBANKS, Virginia. *Automating inequality: how high-tech tools profile, police, and punish the poor*. New York: St. Martin's Press, 2018.

GAMSON, William; MODIGLIANI, Andre. Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach. *American Journal of Sociology*, Chicago: The University of Chicago, v. 95, n. 1, p. 1-37, July 1989.

HAENLEIN, Michael; KAPLAN, Andreas. A Brief History of Artificial Intelligence: On the Past, Present, and Future of Artificial Intelligence. *California Management Review*, v. 61, n. 4, p. 5-14, 2019.

HARAWAY, Donna. *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*. New York: Routledge, 1991.

HARAWAY, Donna. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51046>. Acesso em: 28 out. 2024.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.

INGOLD, Tim. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. London: Routledge, 2012.

JASANOFF, Sheila. A new climate for society. *Theory, Culture & Society*, v. 27, n. 2–3, p. 233–253, 2010.

JASANOFF, Sheila; KIM, Sang-Hyun (orgs.). *Dreamscapes of Modernity: Sociotechnical Imaginaries and the Fabrication of Power*. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

LATOURE, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa; revisão de tradução de Stelio Marras. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

LATOURE, Bruno. *Sobre o culto moderno dos deuses fáticos*. Tradução de Sandra Moreira; Rachel Meneguello. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

LEITÃO, Débora; GOMES, Laura. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Revista Antropológica*, Niterói, n. 42, p. 41-65, 1. sem. 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

MCCARTHY, J. et al. A Proposal for the Dartmouth Summer Research Project on Artificial Intelligence. Agosto de 1955. Disponível em: <<http://jmc.stanford.edu/articles/dartmouth/dartmouth.pdf>>. Acesso em: 07 de dez. de 2023.

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu, 2018.

O'NEIL, Cathy. Algoritmos de destruição em massa: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia. Tradução de Diego Alfaro. Santo André: Editora Rua do Sabão, 2020.

OS ROBÔS: da fantasia à indústria. Folha de São Paulo, São Paulo, 27 ago. 1974. Edição n. 52.24.

ROBERTS, Adam. *The History of Science Fiction*. 2. ed. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História: antropologia e acontecimentos históricos no Pacífico*. Tradução de Carlos A. Steil; Lúcia C. Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

TURING, Alan Mathison. Computing machinery and intelligence. *Mind*, Oxford, v. 59, n. 236, p. 433-460, Oct. 1950

WEIZENBAUM, Joseph. *Computer power and human reason: from judgment to calculation*. Nova York: W. H. Freeman and Company, 1956.



WINNER, Langdon. Do artifacts have politics? In: MACKENZIE, Donald; WAJCMAN, Judy (orgs.). *The Social Shaping of Technology*. Milton Keynes: Open University Press, 1986. p. 26-38.